

## APRESENTAÇÃO

O primeiro número da décima-sétima edição da revista *Scripta Uniandrade*, cujo eixo temático gira em torno de “Questões de gênero na literatura estrangeira”, reúne textos sobre as relações de gênero e sexualidade em diferentes contextos culturais, estruturados sob diferentes abordagens, entre elas feministas, neo-colonialistas e outras, rearticulando a discussão em torno do tema por meio de uma pluralidade de fontes e perspectivas teóricas.

O ensaio de abertura da seção temática, de Alexa Alice Joubin, intitulado “Screening Gender Identities and Ophelia: Victimhood and Feminism”, aborda a personagem shakespeariana Ofélia, a qual por ter sido moldada em mitos conflitantes, é ao mesmo tempo vítima icônica e voz feminista. Por meio de estudos de caso de três filmes sobre Hamlet: *Haidar* (Índia, 2004), *O rei e o palhaço* (Coréia do Sul, 2005) e *Príncipe dos Himalaias* (Tibete, 2006), a autora mostra como os diretores asiáticos renovam a tradição de encenação ao potencializar o pendor de subversão das ideologias dominantes de gênero de Shakespeare.

Tendo em vista a perspectiva dos estudos mitocríticos que contemplam o aspecto ancestral do feminino maléfico, em “A fonte de todos os males: sedução feminina em um conto de Bécquer”, Joyce Conceição Gimenes Romero e Maria Dolores Aybar Ramírez apresentam uma reflexão a respeito da representação da mulher-sereia em “*Ojos verdes*” (1861), de Gustavo Adolfo Bécquer. A figura arquetípica da mulher sedutora e atraente, mas perigosa e por vezes fatal, a qual pode conduzir suas vítimas à perdição, é objeto de discussão e análise. No artigo a seguir, “Gênero, opressão e horror cósmico: a caracterização de Lavinia Whateley em *O horror de Dunwich*, de H. P. Lovecraft”, Roberto Rossi Menegotto e João Claudio Arendt investigam a caracterização negativa da personagem Lavinia, à luz de autores como Gilbert Durand, Michelle Perrot, Pierre Bourdieu, Simone de Beauvoir e outros. Para tanto, apresentam um estudo de símbolos que estruturam três contextos em que a disparidade entre os gêneros feminino e masculino é evidenciada.

O ensaio de Mail Marques de Azevedo, “Gender Relations and Rebellion in Jamaica Kincaid’s Autobiographical Project”, mostra como a escritora afro-caribenha-americana entrelaça as relações de gênero e a rebelião contra os efeitos do colonialismo e do pós-colonialismo em sua obra. A autora examina paralelamente os escritos não ficcionais – *A Small Place* (1988) e *My Brother*

(1997) – bem como os romances – *Annie John* (1985), *Lucy* (1990) e *The Autobiography of my Mother* (1996) – com o intuito de evidenciar o projeto autobiográfico de Kinkaid, que se afasta da forma canônica da autobiografia ao substituir o sujeito central da autorrepresentação por um Eu coletivo.

Em “Representações do continente africano e da mulher negra nos contos ‘No seu pescoço’ e ‘Jumping Monkey Hill’, de Chimamanda Adichie”, Marcela Gizeli Batalini e Geniane Diamante F. Ferreira demonstram que a percepção sobre o continente africano e seus habitantes é estereotipada e ainda parte de binarismos. A reflexão é conduzida pelo viés dos estudos culturais, mais especificamente o pós-colonialismo e o feminismo teorizados por críticos como Brah (2002), Davis (2017) e Spivak (2010). Por um outro viés, a condição feminina é posta em questão no artigo “Opacidade e transparência no comportamento das personagens femininas na obra de Chimamanda Adichie”, de Sylvania Núbia Chagas. A autora analisa os efeitos da colonização e do patriarcalismo sobre as mulheres retratadas por Adichie em “A historiadora obstinada” e “Amanhã é demasiado tarde”, contos publicados no livro *A coisa à volta do teu pescoço* (2012), e no romance *Hibisco roxo* (2011), mostrando que o comportamento feminino, por ser guiado ora pela tradição e ora pela modernidade, oscila entre a opacidade e a transparência, gerando conflitos identitários. Não obstante, o feminino se impõe de maneira silenciosa, por meio de estratégias, as quais aparentemente não agridem, mas que determinam e transformam o futuro das novas gerações.

A seção Varia, a qual reúne cinco estudos, é inaugurada pelo artigo “Identidade e memória do horror em *O prisioneiro*, de Érico Veríssimo”, no qual os autores Juracy Ignez Assman Saraiva e Éderson de Oliveira Cabral exploram conflitos do mundo contemporâneo, tais como o autoritarismo, a desigualdade e o preconceito a partir do romance de Veríssimo lançado em 1967. A metaficcionalidade histórica presente no texto e a articulação do narrador com a problemática da identidade e memória são averiguados à luz de considerações teóricas de Linda Hutcheon (1991), Paul Ricoeur (1997), Fernando Catroga (2001) e Kathryn Woodward (2012). Na sequência, Derneval Andrade Ferreira e Adelino Pereira dos Santos, em “*Noites de vigília: um romance contemporâneo entre a literatura e a história angolana*”, objetivam elucidar que os discursos colonialista e anticolonialista do escritor angolano Boaventura Cardoso são ferramentas necessárias para se compreender melhor a construção libertacionária e autônoma de aspectos relacionados à sociedade angolana na sua formação nacional.

O universo do trabalho do imigrante é esmiuçado em “As construções discursivas do trabalho do imigrante em *Amar, verbo intransitivo, um idílio*, de Mário de Andrade” por Ângela Maria Rubel Fanini, a partir de uma abordagem que se vale das reflexões de Marx (1986), Engels (1990), Lukács (1980), Candido (1981, 1985), Bosi (1992) e Bakhtin/Voloshinov (1986) na linha sociológico-literária. A pesquisa indicou que há mudanças significativas na recriação do universo laboral brasileiro do início do século XX, do trabalhador

formalmente livre, sendo o trabalho fonte de *status* e sociabilidade, revelando relações mercantis e impessoais, dentro da chave liberal-burguesa.

No estudo “*Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto: visões líricas da morte”, Érica Fernandes Alves e Luiza Aparecida Berloff Tofalini discorrem sobre a poetização da morte. As autoras destacam que para atingir a parte mais profunda da subjetividade no processo da abordagem da morte, a estratégia do entrelaçamento da poesia e da prosa revelou-se produtivo. No artigo final desta seção, “Quadros de quermesse em *Un Mâle*, de Camille Lemonnier: um *topos* naturalista”, aproximações de pinturas flamengas que tematizam a quermesse são estabelecidas com descrições encontradas no romance, à luz de perspectivas teóricas de Pierre Bourdieu, Liliane Louvel e Svetlana Alpers. Os autores, Rubens Vinicius Marinho Pedrosa e Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina, por um lado, refletem sobre a pertinência da estética pictural engendrada por Camille Lemonnier como marca da singularidade da literatura belga francófona e, por outro, sobre a relação possível com o naturalismo de escritores franceses como Gustave Flaubert, Joris-Karl Huysmans e Émile Zola.

Inauguramos nesta edição da *Scripta Uniandrade* uma seção intitulada “Termos e Conceitos” que versará sobre termos e conceitos fundamentais, porém controversos, da teoria e crítica literária. A pergunta lançada neste número pelas professoras Greicy Pinto Bellin e Rita de Cássia Moser Alcaraz é: “O que é identidade de gênero?”, seguindo uma experiência piloto em torno da noção: “O que é metaficção?”, a qual teve uma receptividade expressiva entre os leitores.

Esperamos que os artigos ora publicados no dossiê temático, bem como nas seções Varia e Termos e Conceitos fomentem novas reflexões e ideias, alimentando, assim, o conhecimento intelectual e a imaginação dos leitores. Reiteramos, nestas linhas finais, os nossos agradecimentos aos autores por suas valiosas contribuições, aos pareceristas, pela seriedade das avaliações emitidas, e à equipe editorial pelo imprescindível empenho e apoio.

As editoras